

Roberto Machado, intérprete de Nietzsche, Foucault e Deleuze
In memoriam

Roberto Machado, intérprete de Nietzsche, Foucault e Deleuze, marcou a história dos estudos de Filosofia no Rio de Janeiro e no Brasil, tendo sido um dos pioneiros introdutores desses três autores na universidade brasileira, em um momento em que se considerava na academia que o que eles faziam não era filosofia. E os introduziu com marcas interpretativas claras: buscando em cada uma dessas filosofias o pensamento que a estruturava – em Nietzsche o trágico, em Foucault a transgressão e a genealogia que a engendra, em Deleuze a diferença entre os pares conceituais tais como o empírico e o transcendental.

Nascido em Recife em 1942, graduado em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco em 1965, onde foi aluno de Ariano Suassuna, concluiu seu Mestrado em Filosofia na Université de Louvain, na Bélgica, em 1969, e seu Doutorado em Filosofia em 1981 na mesma universidade, ambos sob a orientação do filósofo da ciência Jean Ladrière. Ao longo de seu doutorado, seguiu no Collège de France os cursos de Michel Foucault, de quem veio a ser tornar um amigo pessoal. Entre 1985 e 86, realizou estágio pós-doutoral com Gilles Deleuze na Université de Paris VIII. Lecionou na UFPB e no departamento de Filosofia da PUC-Rio na década de 1970, tendo saído deste por motivos políticos devido a seu engajamento nos movimentos contrários ao golpe de 1964 e à ditadura militar que se instaurou, tendo desde então Machado decidido que não voltaria mais àquela universidade sequer como membro de banca ou como convidado, e assim o fez. De 1974 a 1979 foi professor do Instituto de Medicina Social da UERJ, período no qual publicou com Kátia Muricy, Rogério Luz e Ângela Loureiro o livro *A danação da norma: medicina social e a constituição da psiquiatria no Brasil*, em que dirigiu, sob inspiração foucaultiana, um estudo arqueológico do tema sobre fontes primárias. A partir do início dos anos 1980 até se aposentar em 2012, foi professor, tornando-se logo Titular de sua cátedra, do departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, IFCS-UFRJ. Orientou muitas dezenas de dissertações de Mestrado e teses de Doutorado, de alunos que vinham de todas as partes do Brasil e da América Latina estudar com ele.

Introdutor de Nietzsche, de Foucault e de Deleuze no Rio de Janeiro e no Brasil, formou dezenas de pesquisadores de suas filosofias ao longo de décadas, tendo publicado a maior parte de seus livros sobre estes pensadores. Era um professor cativante, e suas aulas na sala ao lado da cantina no terceiro andar do IFCS, no Largo de São Francisco, no Centro da cidade do Rio de Janeiro, eram disputadas, lotadas pelo público universitário e por ouvintes. Organizava em sua casa, no bairro do Jardim Botânico, grupos de estudo e leitura com outros jovens professores, assim como com atores de teatro e televisão. Usava suas aulas, cursos e grupos para compartilhar e desenvolver os livros que estava escrevendo, de modo que seus alunos eram testemunhos de seu pensamento vivo e de seu meticuloso trabalho de estudo e elaboração de ideias. Ligado ao teatro, organizou, com o dramaturgo Hamilton Vaz Pereira, no Parque Lage concorridas leituras declamadas de seu livro *Zaratustra, tragédia nietzschiana* para pequenas multidões. Sempre ligado às artes, era amigo pessoal de Regina Casé e Caetano Veloso. As festas organizadas em sua casa também eram antológicas. Evitava debates e reuniões de departamento pois desprezava o lado mesquinho da disputa acadêmica, preferindo eventos filosóficos alegres, amistosos e conviviais, como, para dar um exemplo, o *Nietzsche on the beach*, na praia paradisíaca de Jericoacoara, no Ceará. Sempre acoplava a suas palestras Brasil afora trilhas e viagens junto à natureza. Seus alunos sempre se tornavam amigos pessoais, desde que não se importassem com o rigor acadêmico extremo com que orientava seus trabalhos.

Inicialmente um filósofo da ciência, Machado se deparou com o livro *As palavras e as coisas* de Michel Foucault, e em seguida participou da conferência de Foucault na PUC intitulada *A verdade e as formas jurídicas* sobre o poder disciplinar, eventos que o marcaram e o levaram a migrar de uma arqueologia para uma genealogia, ou ainda para uma geografia do pensamento. Machado se encantava com a estrutura do pensamento dos autores que estudava. Em suas palavras:

Jamais quis fazer trabalho de erudito, um tipo de estudo filológico que pretendesse esclarecer o sentido de um termo ou as influências recebidas por um pensador. Em tudo o que ensinei e nos livros que escrevi sempre procurei dar conta de um pensamento de maneira global, sempre procurei saber como ele é organizado, como funciona, o que deseja pensar, qual é sua originalidade ou singularidade. Segundo, o que me interessou foi sempre compreender para que serve determinada filosofia, isto é, o que temos a aprender com um grande pensador, como ele pode contribuir para esclarecer questões e problemas que sentimos serem importantes e

que estamos querendo aprofundar. Meus livros jamais se dedicaram a fazer a autópsia de um pensamento.¹

A *Trágica*, Revista acadêmica do mesmo IFCS-UFRJ no qual Machado manteve seu fórum de trabalho intelectual por décadas, neste número temático de homenagem póstuma ao grande pensador e estudioso da Filosofia Roberto Machado, ao seu legado de amor à filosofia, de alegria no pensar e no estudar, ao seu minucioso trabalho de descoberta dos meandros que estruturam a obra de um autor, à vivacidade e intensidade com que realizava seus estudos, a seu carisma que agregava a todos em seu estudo e convívio, tem a alegria de trazer artigos que são também o registro da memória de nossa história, de testemunhos e relatos pessoais emocionados, cujos autores, Doutores, filósofos, professores, são ao mesmo tempo seus amigos, colegas e ex-alunos de diferentes gerações, que tiveram o prazer e o privilégio de compartilhar com Machado momentos que marcaram seus próprios percursos. Muitos que não estão presentes com textos, esperamos que se sintam de algum modo aqui representados, e que todos os leitores possam usufruir um pouco através desses textos do gosto e do legado que Machado nos deixara.

Miguel Barrenechea (UNIRIO) expressa o quanto o ensinamento de Machado se fundia a sua forma de vida, como um pensador da alegria de viver. Tereza Calomeni (UFF) relata seu caminho na filosofia e a filosofia de vida de Machado. Viviane Mosé (UFRJ) testemunha da importância de Machado em seu percurso e o quanto seu ensinamento ia além dos conteúdos, passando pela forma com que eram transmitidos. André Martins (UFRJ) sublinha seu importante papel intelectual para gerações e traz uma análise da influência da leitura deleuziana de Nietzsche sobre o pensamento de Machado. Renato Nunes Bittencourt (UFRJ) analisa as relações entre o sagrado e o trágico no pensamento de Machado em sua leitura de Hölderling. Guto de Madureira Pinho (UERJ) analisa o quanto a influência de Deleuze está presente em Machado nas escolhas de seus temas e em seu recorte da história da Filosofia, mas o quanto teria sido Foucault quem mais o influenciara quanto ao método de abordagem de um pensamento, enaltecendo ainda sua prática da filosofia como vinculada à alegria. Mariana de Toledo Barbosa (UFF) nos oferece uma análise das teses interpretativas de Machado sobre o pensamento de Deleuze, entremeando-a com relatos pessoais que testemunham da intensidade de seu ensinamento.

¹ Entrevista a Miguel Conde, “Roberto Machado estuda a relação entre arte e filosofia”, publicada no jornal *O Globo* em 14/06/2012.

De forte presença, Roberto Machado foi marcante em nossas vidas pessoais e em nossos percursos acadêmicos. Esperamos com este número temático da *Trágica: estudos de filosofia da imanência* contribuir para sua memória, que é também a memória carioca e brasileira de um grande nome de nossa intelectualidade e de nossa história da filosofia.

André Martins

Editor Chefe da *Revista Trágica*



*na primeira edição de seu
Nietzsche e a verdade, de
1984*



Leitor de Foucault



*em sua casa no Rio de
Janeiro, tout va bien*



Roberto e o entusiasmo que o caracterizava



*O Hamlet de hoje não segura a caveirinha, não!
Tela de Luiz Zerbini
que retrata o antropólogo Hermano Vianna,
o filósofo Roberto Machado,
o diretor Hamilton Vaz Pereira
e o artista Fausto Fawcett
<http://objetosimobjetonao.blogspot.com/2010/07/anotacao-sobre-um-quadro.html>*